

O incômodo das commodities

David Kupfer

Valor Econômico - Opinião - 03/03/2010

O avanço no processo de commoditização da indústria brasileira, identificado por uns como desindustrialização e, por outros, com mais precisão, como especialização regressiva, parece inquestionável. A especialização regressiva é a trajetória de mudança estrutural na qual os setores produtores em grande escala de bens homogêneos, intensivos em recursos naturais e energéticos e com menor capacidade de agregação de valor, são mais favorecidos pelas condições gerais de funcionamento da economia, encontrando maior facilidade de expansão e conseguindo crescer a taxas mais aceleradas que o restante da indústria.

Embora visível a olho nu, como atesta a grande quantidade de artigos que vem sendo publicados na imprensa buscando trazer evidências empíricas ou extrair implicações normativas desse movimento de commoditização da indústria, parece pertinente buscar suprir a lacuna de informação requerida para dimensionar a extensão desse processo, que é provocada pela natural defasagem, de cerca de dois anos, com que são divulgados os números da Pesquisa Industrial Anual (PIA) do IBGE, a estatística oficial apropriada para dar suporte abrangente às análises estruturais da evolução da indústria.

Visando suprir essa lacuna de informação, desenvolvemos no Grupo de Indústria do IE/UFRJ uma metodologia de atualização da PIA, cuja última divulgação é referente a 2007, por intermédio das séries mensais que medem variações de quantidade produzida (PIM - Pesquisa Industrial Mensal, também do IBGE) e dos preços (IPA - Índice de Preços no Atacado, divulgada pela FGV/Conjuntura Econômica) para os diversos setores industriais. A série permite que se acompanhe o desempenho da indústria até dezembro de 2009, mês correspondente a última PIM divulgada pelo IBGE. É importante ressaltar que a metodologia utilizada, embora consolidada, gera valores aproximados, que ainda não puderam ser totalmente testados em aplicações práticas, de modo a que se possa aferir a robustez empírica da calibragem utilizada.

Aceita essa ressalva, a análise dos dados mostra alguns resultados bastante interessantes. A julgar pelos números obtidos, o valor bruto da produção industrial contraiu-se em 7,4% em 2009, após uma expansão de 3,2% em 2008, ambas as taxas medidas em valores constantes de 2007. A taxa real acumulada de expansão da indústria entre 2000 e 2009 teria sido de 38,8% na mesma base de mensuração. Medidos em dólares, esses valores tornam-se muito mais elásticos - respectivamente queda de 15,3% em 2009, expansão de 11,4% em 2008 e acumulado de 103,7% entre 2000 e 2009, o que por si só evidencia, em passant, a extensão da valorização cambial no período.

Mais interessante é a análise da evolução do peso da produção e da exportação de commodities na indústria brasileira. Cabe observar que os números estimados excluem os setores de extração e refino de petróleo da contabilização do valor da produção industrial e das exportações anuais. Em termos da composição tanto da produção quanto das exportações, os dados mostram aquilo que já era esperado: os setores produtores de commodities avançaram significativamente nos últimos dez anos. Porém, cabe enfatizar as trajetórias muito distintas seguidas por cada um dos fluxos no período enfocado. Enquanto o avanço do peso das commodities no valor da produção industrial foi mais intenso na primeira metade dessa década, quando evoluiu de 35,6% em 2000 para 40,5% em 2004, e daí em diante vem dando sinais de ter arrefecido, a participação desses setores na corrente de exportação brasileira seguiu em franca expansão, indo de 47,5% em 2000 para 61,8% em 2009, sugerindo que o processo de

especialização regressiva da pauta de exportações é mais intenso que o da produção industrial propriamente dita.

Uma pista para a compreensão da real natureza desse processo de mudança estrutural está no comportamento do coeficiente de exportação, um índice simples, que indica a parcela do valor da produção que é vendida ao exterior. É marcante o salto de quase sete pontos percentuais (de 24,9 para 31,6%), percorrido por esse indicador nos poucos anos que separam 2000 de 2004. Esse salto corresponde ao padrão dinâmico que movimentou a economia brasileira nessa primeira metade da atual década, pesadamente dependente da demanda externa. De modo consistente com a mudança desse polo dinâmico para o mercado interno ocorrida a partir de 2005, o indicador sofreu uma inflexão desse ano em diante, voltando a se contrair pelos três anos seguintes até atingir 29,6% em 2007. A partir daí, as condições altamente voláteis dos mercados internacionais, inicialmente com a explosão dos preços no período pré-crise de 2008 e, posteriormente, com o colapso de quantidades no período pós-crise em 2009, interromperam esse movimento de queda.

Se os números encontrados para os anos de 2008 e 2009 significam uma flutuação dos indicadores descritivos da trajetória estrutural percorrida pela indústria brasileira ou se mostram uma quebra da tendência que se desenhava no período 2005-2007 é uma questão que permanecerá em aberto enquanto perdurar a atual volatilidade nos termos de troca das exportações brasileiras. Contudo, não parece despropositado inferir que o fato de que a trajetória de especialização regressiva venha se manifestando mais claramente nas exportações do que na produção doméstica, revela a forma passiva de ajustamento com que a economia brasileira vem reagindo ao novo quadro internacional que se desenha no mundo pós-crise.

David Kupfer é professor do Instituto de Economia da UFRJ e coordenador do Grupo de Indústria e Competitividade (GIC-IE/UFRJ. Escreve mensalmente às quartas-feiras.



Comércio Exterior
do Brasil - AEB

Brazilian Foreign Trade Association